

MIGRAÇÕES LITERÁRIAS: ESTRANGEIROS QUE ESCREVEM EM FRANCÊS. A OBRA DE VASSILIS ALEXAKIS, UM ESCRITOR EM DIÁLOGO COM SUAS LÍNGUAS

Ligia Fonseca FERREIRA*

RESUMO: Nos últimos anos, vem crescendo o número de escritores que adotam uma língua “estrangeira” como língua de criação. As obras produzidas dentro do que chamamos de “migrações linguístico-literárias” encerram um instigante diálogo intercultural entre a língua-cultura materna e a língua-cultura de adoção, em meio a deslocamentos dentro de territórios geográficos e identitários. Alguns escritores debruçam-se criticamente sobre esta experiência pessoal e singular que os situa, apesar das semelhanças, num plano privilegiado e distinto em relação ao dos sujeitos envolvidos nas migrações internacionais contemporâneas. Focalizaremos aqui o caso de Vassilis Alexakis, cuja obra, dos anos 1990 para cá, se destaca no conjunto da produção de outros autores estrangeiros no campo literário francês. Escrevendo igualmente em grego, ao urdir suas narrativas com os fios dos dilemas, angústias, prazeres e descobertas promovidas pela passagem de uma língua e de uma cultura a outra, o autor nos convida a refletir com ele sobre a instabilidade atual dos conceitos de língua ‘materna’ e de literatura ‘nacional’, questão também presente em outros espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Vassilis Alexakis. Literatura e interculturalidade. Autobiografia. (I)migração. Língua materna X língua estrangeira. Autotradução. Francofonia.

* UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras (Área de Língua e Literatura Francesa). Membro do GEDI – Grupo de Estudos Diálogos Interculturais do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Guarulhos – SP – Brasil. 04021-001 – ligia.ff@uol.com.br

Comment peut-on choisir entre la langue de sa mère et la langue de ses enfants? (ALEXAKIS, 1989, p.45).

Quando pensamos em migração, e em sua dupla face emigração/imigração, segundo as referências fornecidas pelo globalizado mundo contemporâneo, inevitavelmente brota em nossas mentes um conjunto de complexas representações: deslocamentos geográficos de indivíduos ou de grupos de regiões pobres para regiões ricas, exportação de mão-de-obra, desestabilização identitária (de ordem cultural, linguística, emocional; do sentimento de pertencer – ou não mais – a um espaço político-nacional), perturbações econômicas e demográficas, desequilíbrios regionais, conflitos étnico-raciais ou religiosos, recrudescência xenofóbica, impactos nos direitos humanos, etc.¹ No entanto, tais representações convivem, igualmente, no cenário internacional, com posicionamentos por vezes ambíguos tais como a celebração ou estigmatização do multiculturalismo, da mestiçagem biológica ou “cultural” provocadas pela intensificação da mobilidade de seres humanos num grau inédito na história da humanidade. A idealizada e relativamente elitista noção de “cidadãos do mundo” ou “cosmopolitas”, historicamente elaborada desde a Grécia antiga remetendo àqueles que sonham com a circulação livre num mundo sem fronteiras, possui hoje uma contrapartida, menos glamorosa e mais aterradora, composta pelas hordas de “estrangeiros”, “clandestinos”, “refugiados”, “apátridas”. Sem nome, sem língua, sem voz e sem bagagem, no sentido próprio e figurado, muitos se perdem (ou perdem a vida e a razão) num caminho sem volta, palmilhado de ironias e ilusões, conforme retrata o drama *Éden a oeste* (2009), filme do cineasta grego naturalizado francês, Costa Gavras.

No entanto, há estrangeiros e estrangeiros. Em contraste com o cenário acima, alguns indivíduos, artistas e intelectuais, empreendem esse mesmo deslocamento e encetam um destino bastante distinto e protegido contra os estigmas lançados às massas anônimas e indesejadas que compõem as migrações internacionais. O linguista, crítico literário e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-) emigrou nos anos 1960 para a França, onde se naturalizou, e não resta dúvidas de que se sente e é considerado hoje um típico intelectual “francês”. Há alguns anos, lembrou episódios de sua migração, projeto admirado por seus pares no país de adoção, o que acabava lhe conferindo um certo ar “exótico”. Os embates administrativos e desconfianças sofridas de início pouco afetaram o indivíduo favorecido por atributos raciais e intelectuais que lhe permitiram, então, mudar-

¹ Veja-se, a este respeito, o amplo “Dossiê Migrações”, *Estudos Avançados* v.20, n.57, 2006.

se de um país da cortina de ferro para um mais leve, bem sucedido e verdadeiro “Éden a Oeste”, conforme relata:

J’ai peu souffert d’être un étranger ; j’en ai même souvent profité. Quelques humiliations administratives par-ci, quelques regards en coin par-là, mais enfin j’étais blanc, européen, polyglotte, diplômé, je n’ai donc pas subi le dixième des préjugés racistes ou sociaux que les Français réservent aux étrangers... Dans le milieu intellectuel, le fait d’être un étranger était même un plus. Il me donnait une petite touche d’exotisme, qui devait me rendre plus intéressant [...] J’avais en tout cas le loisir de vivre avec légèreté mon statut d’étranger en France [...] (TODOROV, 2002, p.161).

Quaisquer que sejam seus atores, nem sempre neutra, libertária e isenta de consequências diversas é a experiência de “migrar”, ou seja, “mudar periodicamente de lugar, de região, de país, etc”². Ao longo do século XX, tal experiência multiplicou suas formas e destinos, e também tornou-se possível “migrar” de língua e de cultura. Este é o tema do instigante documentário *D’une langue à l’autre* (2004), da diretora franco-israelense Nurith Aviv, dedicado à complexa aventura linguística que envolveu a criação de um Estado, com base no depoimento de artistas e intelectuais, judeus e não judeus, que imigraram para Israel provenientes de diversos países (Marrocos, Rússia, Alemanha, Hungria, Iraque, França, etc). Desse processo afloraram questionamentos dilacerantes, fruto de uma escolha voluntária, mas nem por isso menos traumática: é possível “migrar” para e aprender uma outra “língua materna”? Que razões alimentam o desejo de banir (da memória, do próprio inconsciente) ou preservar a (primeira) língua materna, quando a ela se associam prazer e dor, ódio e amor? Que efeitos a adoção de uma nova língua produz na (re)construção identitária? Com que língua(s) se faz um país e uma nação? E, por fim, em que língua(s) o intelectual e o artista pensam e criam? Seja do ponto de vista íntimo, quanto político e ideológico, a problemática, em suma, é mais do que atual, na medida em que transcende uma especificidade nacional para refletir tanto os dramas quanto as riquezas potenciais de um mundo cujas fronteiras se esgarçam e no qual se multiplicam os migrantes, as nacionalidades, as mestiçagens e as identidades plurais.

Tais reflexões servem de preâmbulo, num plano maior, a algumas questões presentes, explícita ou implicitamente, no tema proposto neste artigo. Pretendemos abordar o fenômeno que denominamos “migração linguístico-

² Confira *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 2009.

literária” cada vez mais presente no cenário internacional. Desta combinação aparentemente estranha e de significados distintos dos que em geral associamos às migrações internacionais, conforme vimos acima, surge, ao longo do século XX, um novo sujeito, o escritor *estrangeiro* (não francófono) migrante³, que se desloca por territórios geográficos e simbólicos: assim como vai e volta de seu país e cultura para outros, com a mesma liberdade transita de uma língua a outra na criação artística. Assim, apresentaremos um breve panorama acerca da emergência dos escritores *estrangeiros* não-francófonos que escrevem em francês a partir dos 1990, período em que não só se avolumam suas produções como alcançam real consagração. Em seguida, enfocaremos o caso emblemático de Vassilis Alexakis (Atenas, 1943-), que se lança na literatura servindo-se não de sua “língua materna”, o grego, mas de uma língua “estrangeira”, o francês; várias de suas obras são atravessadas por dilemas e pelo “misterioso diálogo” que trava com as línguas e as palavras um autor que carrega em si e trafega entre duas grandes tradições linguísticas, culturais e literárias do Ocidente, sua Grécia natal e a França.

Uma particularidade do campo literário francês contemporâneo encontra-se na origem do que aqui chamamos de “migrações linguístico-literárias”. Trata-se, como já referimos, das obras produzidas por autores estrangeiros não-francófonos que escrevem em francês, cuja visibilidade, legitimidade e sucesso editorial aumentaram graças a uma sólida instituição na França. Os concorridos prêmios atribuídos a cada outono europeu constituem um ritual marcante da vida literária francesa e, desde meado dos anos 1990, chamaram a atenção sobre

³ Embora escapem da categoria examinada aqui, os “estrangeiros” (ou seja, indivíduos que não possuem a nacionalidade francesa e/ou belga) francófonos compõem-se de autores nascidos em regiões ou países outrora colonizados pela França ou pela Bélgica; no plano de sua criação, suas obras refletem as tensões provocadas pela aculturação forçada e pelo bilinguismo forjado pelo contato entre a língua materna e a língua do ex-colonizador. Os conceitos de “francofonia” e “literatura de expressão francesa”, marcados por ambiguidades e resquícios coloniais, são questionados no polêmico manifesto *Pour une littérature-monde*, publicado no jornal *Le monde* em 16/03/2007, assinado por 44 escritores e ensaístas, entre franceses e “estrangeiros” que escrevem em francês, seja este idioma língua oficial, segunda ou estrangeira em seus países. Também distinguimos os escritores estrangeiros tratados neste artigo dos inúmeros escritores que, em geral por motivos políticos, viveram no exílio, durante o qual, porém, continuaram escrevendo em sua língua materna, fato que os inscreve na produção literária de seus países de origem. Dentre os escritores latino-americanos que se radicaram na França na segunda metade do século XX, destacam-se os brasileiros Ferreira Gullar, Fernando Gabeira, Tabajara Ruas; os argentinos Júlio Cortázar, Juan José Saer e Manuel Puig; ou ainda os chilenos Antonio Skármeta ou Roberto Bolaños. Confira Jean Rouaud e Michel Le Bris et al. (2007).

uma literatura que passou a conviver praticamente em pé de igualdade com a de escritores franceses e/ou francófonos. O *Prix Médicis* foi concedido em 1995 a dois estrangeiros: ao russo Andreï Makine, por *Le testament français*⁴, e ao grego Vassilis Alexakis por *La langue maternelle*, consagrando definitivamente este escritor cujo romance anterior *Avant* fora duplamente premiado em 1992 (Prix Alexandre Vialatte) e em 1993 (*Prix Albert Camus*). A tendência se acentuaria no século XXI. O ano de 2006 foi particularmente expressivo: o mais importante prêmio literário da França – o Goncourt – e o não menos prestigioso *Grand prix du roman de l'Académie française* foram atribuídos ao americano Jonathan Littel, por *Les Bienveillantes*; o *Prix Femina* coube à canadense de língua inglesa Nancy Huston pelo romance *Lignes de faille*. Em 2007, Vassilis Alexakis recebe nova recompensa, o *Grand prix du roman de l'Académie française* por *Ap. J-C*. O *Prix Goncourt* 2008 coube ao escritor afegão Atiq Rahimi (1962-) pela novela *Syngué Sabour, pierre de patience*⁵, uma das raras obras deste conjunto já traduzida em português.⁶ Em 2010, o seletto grupo será integrado por um representante do Extremo-Oriente: Akira Mizubayashi (1952-) autor de *Une langue venue d'ailleurs* e vencedor do *Prix du rayonnement de la langue et de la littérature de l'Académie Française*. O interesse de críticos e especialistas dentro e fora da França começa a voltar seus olhos para a produção crescente dos autores estrangeiros que optam pela língua francesa como língua de criação em determinado momento de suas carreiras, quando não acontece de se lançarem como escritores escrevendo diretamente em francês.

No entanto, é possível afirmar que, antes de se firmar nas últimas décadas do século XX, o fenômeno aqui abordado deita raízes no século XVIII. Além de potência europeia e mundial, a França das Luzes, das Letras e das Artes havia transformado seus modelos culturais, e especialmente sua língua, em objetos de prestígio, para não dizer de sedução universal junto a inúmeros estrangeiros – artistas, intelectuais, políticos – que falavam e escreviam em francês (FUMAROLI, 2001). Dentro de uma linhagem que se estende aos nossos dias, um dos primeiros representantes foi o italiano Giacomo Casanova, que no revolucionário ano de 1789 redigiu em francês sua autobiografia, *Histoire de ma vie* – mas que só viria a ser publicada nos anos 1960. Ao longo do século XIX, assiste-se ao ápice da influência francesa junto às elites de vários países do mundo. A América Latina não ficaria de fora. No Brasil,

⁴ Confira Makine (1995).

⁵ Confira Rahimi (2008).

⁶ Confira Makine (1998) e Rahimi (2009).

tem-se o caso emblemático de Joaquim Nabuco, autor de opúsculos e poemas em francês. Conforme relata em suas memórias, o afrancesado escritor e diplomata tinha a sensação, ao expressar-se no vernáculo, de traduzir-se de um idioma estrangeiro que parecia nele fluir com maior naturalidade do que aquele: “[...] não revelo nenhum segredo dizendo que insensivelmente a minha frase [em português] é uma tradução livre, e que nada seria mais fácil do que vertê-la outra vez para o francês do qual ela procede.” (NABUCO, 1981, p.58). Dando um grande salto no tempo e no espaço, na primeira metade do século XX, Samuel Beckett (1906-1989), frequentemente catalogado como “escritor irlandês de expressão francesa”, ou ainda como “romancista e dramaturgo franco-irlandês” (LEMAÎTRE, 1985, p.77), encarna um exemplo paradigmático. Aluno brilhante na sua Irlanda natal, admirava a língua e a literatura francesas. Depois de muitas idas e vindas, instalou-se definitivamente na França em 1937. O romance *Molloy* (1947) inaugura a criação beckettiana em francês. No entanto, apesar de certa predileção por este idioma, tal opção não foi definitiva, pois Beckett alternou seu uso com o de sua língua materna no pós-Guerra. Sem aprofundar a discussão, não se deve esquecer o caso de outros escritores de fronteira. Embora celebrado como o primeiro “estrangeiro” a ser eleito para a *Académie Française* em 1971, seria problemático enquadrar Julien Green (Paris, 1900- Paris, 1998), na categoria que buscamos ilustrar na medida em que, filho de pais americanos radicados em Paris onde nasceu, formou-se em escolas francesas. Tal dificuldade cercaria igualmente a posição ambivalente do escritor, roteirista e histórico militante “franco-espanhol” Jorge Semprun (Madrid, 1923- Paris, 2011), desde a adolescência educado na França, onde viveu a maior parte da vida, e cujas obras foram em sua grande maioria redigidas em francês. Relembre-se, uma vez mais, o caso do linguista, crítico literário e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-), que emigrou nos anos 1960 para a França, onde se naturalizou e, hoje, não restam dúvidas sobre sua assumida identidade como intelectual “francês”.

Assim, desde os anos 1990, multiplicam-se as obras escritas na língua de Molière e Césaire por autores oriundos não só do continente europeu, mas de outras partes do mundo. A escolha deliberada e o esforço empreendido na migração linguístico-literária dão vazão a uma pulsão polifônica na criação literária. Sabe-se que boa parte da literatura contemporânea ocorre em situações de bilinguismo ou plurilinguismo, quando não em situação “extraterritorial”, para retomar o conceito de George Steiner (1990), circunstâncias que influem e se refletem cada dia mais no plano de fundo da atividade escritural. É curioso

notar como, desde sempre, se estabelece a singular e, por vezes, conflitiva relação dos escritores com a língua ou as línguas que lhes servem de matéria-prima. Por razões nem sempre explicitadas, alguns abandonam, definitiva ou temporariamente, a língua materna, movidos pelo desejo de criar em outra língua. Tal desejo pode vir acompanhado por outro deslocamento, real ou simbólico, da (i)migração que se desdobra no que denominamos “migração linguístico-literária”, noção operatória que não se restringe a fronteiras geográficas, linguísticas, literárias ou políticas. Registre-se, aliás, que, embora aqui se privilegie o campo literário francês, o fenômeno abordado não lhe é exclusivo. O instigante documentário *D'une langue à l'autre* (2004), da diretora franco-israelense Nurit Aviv, retrata intelectuais e artistas judeus, provenientes de diversos países que, ao emigraram para Israel, ambiente multicultural por excelência, efetuam uma real “migração linguística”, o que, para alguns significará a adoção, entre jubilosa e opressiva, do hebraico como (nova) língua materna e/ou língua de criação. Curioso ainda é o caso da Terra do Sol Nascente. Surpreende a existência de uma longa história de escritores não-japoneses que escrevem em japonês, em sua maioria coreanos *zainichi*, residentes no país, onde tal vertente, denominada *Nihongo bungaku* (literatura em língua japonesa), se opõe nitidamente à *Nihon bungaku* (literatura japonesa, ou seja, feita por pessoas de “nacionalidade”, língua “materna”, cultura e etnia japonesas) (LEVY, 2011, p.VII). No entanto, este sistema tem sofrido perturbações, por assim dizer, em virtude de recentes movimentos encetados de dentro para fora e de fora para dentro, graças a “estrangeiros” não-asiáticos que adotam o japonês como língua literária e japoneses que escrevem em língua estrangeira, no caso o francês. Hideo Levy (1950-) é o primeiro romancista americano, ou antes, o primeiro romancista ocidental a escrever seus romances em língua japonesa. Sua estreia se deu com *Seijouki no kikoena heya* em 1992, vencedor do consagrado Prêmio Noma para novos escritores; por enquanto, trata-se da sua única obra traduzida recentemente em inglês com o título *A Room Where the Star-Spangled Banner Cannot Be Heard* (2011). No sentido inverso, tem-se o já mencionado Akira Mizubayashi (1952-) que em *Une langue venue d'ailleurs* evoca a apaixonante aventura intercultural propiciada pelo encontro com o francês, cujo aprendizado iniciara aos dezoito anos e que, em virtude de sua história familiar, chamaria de “língua paterna” (MIZUBAYASHI, 2011, p.55). Nesta espécie de autobiografia linguística, Mizubayashi, a exemplo do que fizera antes dele o grego Alexakis, evoca a figura do pioneiro compatriota – o filósofo e escritor japonês de “língua francesa” Arimasa Mori (1911-1976) –

que, antes dele efetuou a migração linguístico-literária, inspirando-o a escrever naquela língua do outro, sob vários aspectos tão distante (MIZUBAYASHI, 2011, p.27-31).

Os escritores estrangeiros não-francófonos que escrevem em francês compõem uma nova elite cosmopolita, de “cidadãos do mundo”, figura construída na Grécia antiga. Esta elite rompe tanto as fronteiras geográficas, como as linguísticas, culturais e profissionais, colocando-se num pólo oposto e incomparavelmente privilegiado em relação aos milhões de indivíduos afetados pelas migrações internacionais, para os quais não existe realmente um “mundo sem fronteiras”. Contudo, alguns escritores abordam em suas obras uma questão extremamente atual, ao se debruçarem sobre o papel e o lugar das línguas, já que as “migrações”, assim como os contatos interculturais, trazem no seu cerne o problema da comunicação linguística. A par disso, o conjunto de obras produzidas dentro do contexto de migração linguístico-literária suscita indagações novas no que concerne à recepção dos textos literários, por natureza plurais e polissêmicos. Nestes se cruzam múltiplos olhares, pois com determinado texto ou autor vão interagir leitores pertencentes a diferentes culturas que receberão esses textos de modo diverso, nascendo daí a infinita dança das alteridades, da descoberta de si na visão do Outro, Outro que é a única instância capaz de nos ver completamente já que nos observa de fora. Remete-se, assim, à noção de “exotopia” formulada nos anos por Bakhtin, esse “motor [...] poderoso de compreensão” no “campo da cultura” e princípio fundador do “encontro dialógico”, ou, como se poderia chamar hoje, do diálogo intercultural. Segundo Bakhtin, fazemos à cultura estrangeira perguntas que ela mesma não se faria e quando procuramos soluções para nossos questionamentos, a cultura estrangeira “[...] nos responde, revelando seus aspectos novos e suas novas profundezas de sentido.” (BAKHTIN, 1997, p.368).

Neste sentido, Vassilis Alexakis, autor grego que escreve tanto em francês quanto em sua língua materna, constitui-se num exemplo paradigmático. Trata-se de um dos raros autores a abordar explicitamente e a fazer das relações entre língua-cultura materna e língua-cultura estrangeira o fio que percorre algumas de suas narrativas disfarçadamente autobiográficas. Além do bilinguismo literário, outra característica é a prática da autotradução, exercício ao qual, antes dele, se lançara um outro escritor que também efetuou uma migração linguístico-literária: o russo Vladimir Nabokov, em geral classificado como autor norte-americano (URSO, 2010). Sua obra, portanto, ilustra novas tendências e desdobramentos da criação literária contemporânea em língua francesa. Trata-se ainda de uma

obra aberta, que deixa o leitor na incerteza, pois cabe a ele preencher as lacunas de informações minimamente mencionadas no texto, visto que “[...] *le but de l’écriture n’est pas d’éclaircir, mais de multiplier les mystères.*” (ALEXAKIS, 2010, p.374).

Antes de prosseguir, apresentamos alguns aspectos da trajetória de um homem dedicado a construir pontes não só entre as línguas e culturas oriundas da Grécia e da França, como também entre estas e outras línguas e culturas estrangeiras que sem cessar o fascinam. Alexakis nasceu em Atenas aos 25 de dezembro de 1943. Seu pai era originário da ilha de Santorini e a mãe, uma grega de Istambul com a qual, segundo ele, passava horas conversando e inventando histórias, de onde seguramente brotou o desejo de se tornar escritor. Em 1961, aos 17 anos, Vassilis ganhou uma bolsa de estudos para estudar jornalismo na nublada e chuvosa cidade de Lille. Além de guardar certo rancor, refere-se a esse período como “*le froid*”, devido à solidão, à dificuldade de aprender a língua francesa e à desmotivação para integrar-se com outros estudantes (ALEXAKIS, 1989). Sentindo-se rejeitado, sem sucesso nos escritos e sem dinheiro, retornou à Grécia em 1964. Um ano após o golpe que instaurou a ditadura militar em 1967, voltou definitivamente à França, onde se casou com uma francesa, professora de francês, com quem teve dois filhos. Alexakis confessou ter alimentado o desejo de um dia escrever e publicar um romance em francês, desejo reforçado a partir dos anos 1970, quando sua bem sucedida carreira na imprensa daquele país permitiulhe manter “[...] *une relation plus intime avec la langue française que la plupart des écrivains étrangers vivant en France.*” (ALEXAKIS, 1989, p.217). Colaborou no suplemento literário *Le Monde des livres* durante quinze anos. Com o fim da ditadura na Grécia em 1974, passou a viajar entre os dois países e, nesse mesmo ano, estreou na literatura com o romance *Sandwich*⁷, escrito em francês e publicado na França. A par de sua imigração efetiva, poder-se-ia dizer que, ao adotar preferencialmente a língua francesa como língua de criação, Alexakis realizou de imediato uma migração literária na medida em que, contrariamente ao que se observa ou se imagina de um escritor, sua primeira obra não foi escrita na língua materna. A partir dos anos 1980, Alexakis iniciou um movimento de reaproximação com seu país e sua língua materna. Comprou uma casa em Atenas, construiu outra em Tinos e escreveu seu primeiro romance em grego,

⁷ Confira Alexakis (1984).

*Talgo*⁸, que ele mesmo traduziria para o francês. Até hoje, divide residência entre a França e a Grécia, situação que o faz perscrutar os nexos insondáveis de sua relação com as duas línguas e culturas, objeto de seu livro mais assumidamente autobiográfico, *Paris-Athènes*, título que tem uma explicação:

Il me reste des premières années vécues en France comme une rancune. Il est difficile d'être heureux là où on l'a été si peu. Je comprends, je crois comprendre en tout cas, pourquoi j'ai préféré intituler ce récit Paris-Athènes, plutôt qu'Athènes-Paris: j'avais besoin d'indiquer dans quel sens ce voyage m'était agréable. (ALEXAKIS, 1989, p.181-182).

Dali em diante, dedica-se cada vez mais a escrever seus livros e a traduzi-los de uma língua para a outra. *La langue maternelle* (ALEXAKIS, 1995) foi a segunda obra escrita em grego e, em seguida, traduzida em francês pelo autor. A inaudita aventura linguística de um grego residente em Paris que decide aprender uma língua africana compõe a trama, marcada por surpreendentes descobertas, de *Les mots étrangers* (ALEXAKIS, 2002), livro que consagrou definitivamente o escritor na França e no plano internacional. Em 2003, Alexakis recebeu o *Prix Édouard Glissant*⁹ pelo conjunto de uma obra que espelha os valores poéticos e políticos defendidos pelo escritor antilhano: diversidade cultural, as relações Norte-Sul, a mestiçagem e todas as formas de emancipação. Em seu penúltimo livro, *Le premier mot* (ALEXAKIS, 2010), as línguas voltam a ocupar um lugar central na narrativa construída em torno da busca pela primeira palavra pronunciada por um ser humano na Terra¹⁰.

Estamos, portanto, diante de um escritor original, que seduz e surpreende em vários níveis, já que ele busca fugir de gêneros literários estabelecidos, reiventando ou simplesmente desrespeitando o pacto autobiográfico. Veja-se, então, o que acontece nas quatro obras – *Paris-Athènes*, *La langue maternelle*, *Les mots étrangers*, *Le premier mot* – em que as línguas, além de tema, figuram quase como personagens. O que de fato acontece? Aparentemente nada ou pouca coisa, se for verdade o que desde logo declara o autor em *Paris-Athènes*: “[Q]ue je m’exprime en grec ou en

⁸ Confira Alexakis (1983).

⁹ Criado em 2002 na Universidade de Paris 8, com o apoio da AUF – Agência Universitária da Francofonia, da *Maison de l’Amérique Latine e do Institut du Tout-Monde*.

¹⁰ Lançado em agosto de 2012, em *L’enfant grec*, “um romance sobre um romance”, um escritor grego residente em Paris convalesce de um derrame deambulando no *Jardin du Luxembourg*, onde mergulha nas peripécias do teatro de marionetes, nas evocações que povoam seu imaginário romanesco, mas de onde também parece ouvir, não sem incômodo, o eco das manifestações dos jovens gregos em meio à crise que assola o país. Ao término da redação deste artigo, a obra encontra-se entre as finalistas do *Prix Goncourt 2012*.

français, que l'action (quelle action? ... enfin, passons...) se situe à Athènes ou à Paris [...] c'est toujours la même histoire que je raconte." (ALEXAKIS, 1989, p.18).

Tal declaração é ainda reafirmada em tom quase *blasé* por Pavlos, personagem narrador de *La langue maternelle*: “*Je n'ai pas beaucoup de choses à raconter*” (ALEXAKIS, 1995, p.45). Uma possível resposta é dada por Bouvier, personagem francês que, em *Le premier mot*, se recusa a admitir a existência de fronteiras entre autobiografia e ficção, apostando que a escrita se alimenta do “*dialogue mystérieux que chaque auteur entretient avec les mots*”, e, quiçá, com as línguas que se comportam como seres capazes tanto de “falar” como de “ouvir” (ALEXAKIS, 2010, p.332).

Seja em suas narrativas como em entrevistas à imprensa, Vassilis Alexakis (2008) procura convencer seus leitores de que, mais do que as “línguas”, é o “romance que o interessa. Porém, o diálogo *com* e *entre* suas línguas constitui a matéria principal de *Paris-Athènes, La langue maternelle, Les Mots étrangers* e *Le premier mot*. No entanto, do ponto de vista da recepção, corre-se o risco de não se perceber o fio temático que permeia essas quatro obras, se feita apenas a leitura isolada de uma ou duas, sem se considerar a ordem cronológica de publicação. Subjaz às quatro narrativas uma engenhosa trama autorreferencial que supõe um saber enciclopédico pré-existente ou um saber que o texto incita a construir (ECO apud PIÉGAY-GROS, 2002, p.234). Tal é a condição necessária para que se possa reconhecer que, ao longo de uma produção iniciada no final dos anos 1980, flui o diálogo ininterrupto de um autor com as línguas, com palavras estrangeiras – em francês, em grego e inclusive numa língua africana, línguas que paulatinamente se tornam familiares, ao cabo de uma busca contínua, quase obsessiva, dos sentidos que encerram.

Para que esse diálogo se instaure na obra alexakiana, as línguas ganham corpo, voz, personalidade, sentimentos e emoções que as transformam em personagens, criações de um autor que, através delas, encontra a expressão de uma nova liberdade. As línguas se personificam, assumem uma existência quase autônoma e atitudes decisivas. Elas inspiram, aconselham, orientam, narram, influem, escutam, cativam e compreendem. Em *Paris-Athènes*, a língua de adoção, tal qual a musa, aparece como coadjuvante da criação literária marcada por uma experiência intercultural singular:

J'ai parfois l'impression, pendant que j'écris, que le français songe déjà à la suite du texte, qu'il va me faire des suggestions aussitôt que j'aurais terminé la phrase en cours. Je peux les rejeter bien sûr, mais généralement elles vont dans le sens que je désire. Je ne prétends

pas seulement connaître le français, je prétends que le français me connaît aussi! Je n'envie pas les auteurs qui n'ont jamais usé que d'une seule langue et fréquenté une seule culture. (ALEXAKIS, 1989, p.16).

Por outro lado, em *La langue maternelle*, as conversas em grego tornam-se um sucedâneo das conversas outrora mantidas com a mãe que representava o elo tênue, corroído durante o exílio, com a língua “materna”. Fato inimaginável, esta apagara-se da memória e precisou ser “reaprendida”. O tema da “adoção” ressurgirá em outro lugar, uma vez que também as línguas podem fazer escolhas:

Je réapprends ma langue maternelle [...] Le texte que j'ai écrit n'est qu'un exercice sur ma langue maternelle... C'est une conversation avec la langue... Je poursuis avec elle les discussions que j'avais avec ma mère... Nous sommes les enfants d'une langue... c'est cette identité que je revendique... j'écris pour convaincre les mots de m'adopter... (ALEXAKIS, 1995, p.371).

E, tal como se observa aqui, serão frequentes os questionamentos acerca do que define, ou não, a língua “materna”.

A busca de Alexakis não se limitará a compreender sistemas linguísticos, mas ao que primordialmente os une. Em *Le Premier mot*, a trama é desencadeada pela morte de Miltíades, um professor universitário grego que emigrou para a França, onde morre repentinamente antes de descobrir qual foi a primeira palavra pronunciada por um ser humano. Sua irmã, personagem jamais nomeada, vem da Grécia para acompanhar o funeral. Pouco a pouco, ao inteirar-se da ânsia que tão intensamente movia Miltíades, ela assume a tarefa inacabada, rendendo-se ao amor pelas palavras que cercam de mistério a existência dos seres humanos:

Il me semble que je commence moi aussi à aimer les mots. J'ai le sentiment qu'ils me comprennent même davantage que je ne leur en dis, comme les bons psychanalistes. Ils sont à l'évidence plus intelligents que moi. Ils décrivent les cercles autour des événements, ils m'obligent à les voir sous un nouveau jour, ils restituent à chacun le mystère qui lui revient. (ALEXAKIS, 2010, p.90).

Embora as reflexões sobre o contato entre língua francesa e língua grega, bem como sobre o bilinguismo social e literário ocupem um lugar central em *Paris-Athènes* e em *La langue maternelle*, tal contato se modificará sob o impacto de um terceiro elemento. Eis o que permeia *Les mots étrangers*, onde o narrador, Nicolaïdès, relembra o dia em que, sem razão aparente, surgiu-lhe a vontade de aprender uma língua sem “rosto” nem “utilidade”: o sango, língua oficial da República Centro-Africana. Como não logra respostas objetivas em seu espírito, ele espera que o próprio idioma, como se fora um ente próximo, tenha “*la délicatesse*

de lui expliquer” a razão pela qual se lançara em tal aventura (ALEXAKIS, 2002, p.93). Esta revelar-se-á transformadora, mesmo se, no início, o narrador sentia-se instado a conhecer uma língua que lhe fosse verdadeiramente “estrangeira”, condição que deixara de ter para ele a língua francesa, ao passar de objeto de desejo a ferramenta de trabalho que ele já dominava perfeitamente (ALEXAKIS, 2002, p.11). O autodidata Nicolaïdès entrega-se ao estudo de uma língua cuja sintaxe o desconcerta (ALEXAKIS, 2002, p.76) e o distancia progressivamente do eixo Paris-Atenas para fazê-lo descobrir territórios até então ignorados, bem como uma parte do gênero humano antes invisível aos seus olhos: os negros, os africanos (ALEXAKIS, 2002, p.74). A presença de um terceiro elemento altera a natureza dos sentimentos linguísticos, antes polarizados entre o grego e o francês, por meio de um procedimento que se assemelha a um exercício de maiêutica, matizado pelo jogo especular das comparações interculturais:

L’Africain qui aurait la curiosité de découvrir le grec ne serait pas moins embarrassé que je ne le suis. ‘Pourquoi dites-vous cela de cette façon?’ Le sango me renvoie les questions que je lui pose. Apprendre une langue étrangère oblige à s’interroger sur la sienne propre. Je songe aussi bien au grec qu’au français: je les vois différemment depuis que j’ai entrepris de m’éloigner d’eux, la distance les rapproche, par moments j’ai l’illusion qu’ils ne forment qu’une seule langue. Serai-je en train de me servir du sango pour faire la paix avec moi-même? (ALEXAKIS, 2002, p.77-78).

Aliás, a língua da República Centro-Africana, mais do que as duas outras, ganha uma voz que se mistura por vezes à do próprio narrador, mesmo quando este tem a ilusão de se distrair ou se esquecer dela; ela impõe sua presença como o faria uma mulher ciumenta:

Comment dit-on ‘fumée’ en sango? La langue de la Centrafrique m’était complètement sortie de l’esprit [...] J’ai eu l’impression que la question ne venait pas de moi mais d’elle, qu’elle avait trouvé ce moyen pour se rappeler à mon bon souvenir. Elle m’a fait penser à ces femmes jalouses qui téléphonent toutes les heures à leur compagnon. (ALEXAKIS, 2002, p.60).

As múltiplas formas de exotopia presentes nos textos alexakianos estabelecem uma relação triangular a partir de *Les mots étrangers*: o descentramento é precedido por um tipo de desterritorialização, de um *atopos*, à medida que o sango conduz o confiante narrador-personagem “*quelque part*” onde constata, “*avec joie*”, a sua própria “*absence*” (ALEXAKIS, 2002, p.76). Ausência criadora, engendrada por reformulações identitárias que só se tornam possíveis por obra do desejo de se afastar do duplo território franco-grego que até então constituía, para o autor, “*une espèce de patrie bien personnelle*” (ALEXAKIS, 1989, p.15).

O diálogo “com” as línguas e das línguas “entre” si coexiste com os discursos “sobre” as línguas. A narrativa, o diálogo entre os personagens ou os diálogos imaginários do narrador apresentam definições de dicionário, explicações gramaticais, reflexões de natureza filológica e sociolinguística, além de instruir quanto à história, a evolução, as características dos países e dos povos, bem como sobre as representações sociais construídas em torno das línguas. Cumpre dizer que a reaprendizagem do grego moderno, a aquisição do francês e o esforço autodidata para dominar o sango fizeram do autor-personagem um mestre com excelente didática e vasto conhecimento. Espectadores, confidentes, companheiros de viagem, eis que em *Les mots étrangers* nós, leitores, somos então transformados em alunos bem comportados de um autor-professor atento e que reproduz, inclusive em seus tiques, o discurso pedagógico:

Les Centrafricains ont fait subir une transformation radicale aux mots français qu'ils ont adoptés: 'jusque' est devenu zusuka, 'encore' angoro, 'docteur' dokotoru, 'chef' sefu. La France s'appelle Faranzi et la Grèce, kodoro ti mbi, ne l'oublions pas, Geresi. Quant à la Centrafrique elle porte, en sango, un nom moins ingrat puisqu'elle se nomme Beafrika, c'est-à-dire 'Coeur d'Afrique'. (ALEXAKIS, 2002, p.48, grifo do autor).

O narrador dá provas de criatividade tanto no plano pedagógico quanto no plano narrativo ao imaginar um jogo, no qual se desdobra para interpretar ao mesmo tempo o papel de aluno, de professor e de espectador que se diverte enquanto assiste a cena de fora. Tal é o caso da palavra “*demain*” – *kekereke*, em sango – para a qual o professor-aprendiz dará a si mesmo uma explicação de léxico-cultura comparada:

Tu remarqueras, dit-il à son élève, que l'on dit “cocorico” en français et “koukouricou” en grec. Faut-il croire que le chant des coqs varie légèrement d'un pays à l'autre? [...] L'air affecté que m'impose parfois ma fonction d'enseignant me donne envie de rire. (ALEXAKIS, 2002, p.51).

Entusiasmado com as descobertas cada vez mais sugestivas propiciadas pelo sango, em seu duplo papel o aprendiz-professor revela a estratégia, aparentemente antinômica, que lhe garante êxito na aquisição do idioma: “*J'essaie de jouer mes deux rôles, de professeur et d'élève, du mieux que je peux. Aussitôt que j'apprends un mot, je m'empresse de me l'enseigner [...]*” (ALEXAKIS, 2002, p.50).

Depois de investigar uma história linguística comum, especialmente da língua francesa na qual se incrusta “*une foule de mots grecs*” (ALEXAKIS, 2010,

p.179), sob a pele do narrador Nicolaïdès, o autor se interessará pelos traços que eventualmente aproximam línguas de origem tão distinta como o grego e o sango. A primeira constatação é de ordem política. Considerado por seus dominadores como uma língua “subalterna” e “vulgar, o sango foi, à semelhança da língua grega, submetido a proibições, e seus usuários, punidos” (ALEXAKIS, 2002, p.39). Desde a independência da República Centro-Africana em 1960, o que não impediu a sucessão de golpes de estado e de ditadores, o sango não é ensinado na escola onde se aprende apenas a língua do ex-colonizador francês. Tal fato permite estabelecer paralelos evidentes com a situação do demótico ou grego moderno, como a proibição de seu uso até o fim da ditadura em 1976, data que, por outro lado, encerra o reino milenar da variante pura e culta da língua grega, a catarévussa. “Le sango est le démotique de la République Centrafricaine”, exclama-se Nicolaïdès (ALEXAKIS, 2002, p.39). Além desta, o leitor será surpreendido por outras aproximações inesperadas entre o grego e o idioma africano: seja no plano das metáforas como “*ngu ti Nzapa, l’eau de Dieu*” que encontraria um “*équivalent dans le grec ancien: Zeus pleut*”, seja nas três palavras em comum com o grego, dentre as quais *politiki*, em sango, que se tornou sinônimo de “*démagogie*” ou de “*mensonge*” deixando patente, aos olhos do narrador, que as línguas possuem senso crítico (ALEXAKIS, 2002, p.124). Os achados referentes a tais vestígios da língua grega no sango fazem parte das centenas de exemplos instigantes na obra de Alexakis, na medida em que as línguas parecem ter o desejo de estar mais intimamente em contato umas com as outras, de ser mais hospitaleiras e menos excludentes do que os poderes e os homens...

Em *Paris-Athènes* e *La langue maternelle* cristaliza-se a relação com a língua grega e a língua francesa que, pouco a pouco, deixam de ser “*langues étrangères*”(estranhas, estrangeiras) para serem efetivamente abraçadas pelo sujeito-autor como *suas* línguas. Obviamente, não se trata de um encontro improvável, na medida em que se colocam frente a frente duas fortes tradições, com vários pontos em comum. O grego e o francês desempenharam, em diferentes momentos da História, o papel de “língua universal” das artes, da religião e da ciência e sonharam com pureza, gênio próprio, supremacia; ambos contribuíram para a formação ou para o enriquecimento lexical de outras línguas, especialmente o grego, cujas marcas se encontram na maior parte das línguas europeias. Quanto ao francês, trata-se de uma das línguas que mais exportou seu léxico pelo mundo (COSTA, 2006) e, assim como seu país de origem, constitui uma “*terre d’accueil*” para outras línguas com as quais, conforme assinala

Henriette Walter, também possui uma dívida¹¹. Numa passagem que certamente não passa despercebida aos leitores, quando resume de maneira simples o que hoje se chamaria de “competência intercultural”, Nicolaïdès/Alexakis atribui ao espírito aberto de sua cultura de origem a capacidade de ir em direção ao outro:

Mais on peut tout aussi bien considérer le passage à une nouvelle culture comme un hommage rendu à l'esprit d'ouverture de sa culture d'origine. Je ne me serais jamais si bien adapté au français si ma langue maternelle avait été moins disposée au dialogue. (ALEXAKIS, 2002, p.149).

Todavia, essa dupla identidade linguística e filiação literária passará por novo crivo após a chegada de uma língua africana por muito tempo desprezada (ALEXAKIS, 2002, p.308). *Les mots étrangers* revelou a língua “*éclatante*” de um povo que se julgava “*sans voix*”. A narrativa de uma viagem quase iniciática proporcionada pelo aprendizado de uma língua estrangeira acaba restituindo a dignidade de um país desconhecido, plantado no coração do continente africano, berço da humanidade. Por outro lado, o narrador Nicolaïdès tem a oportunidade de suspender o diálogo repetitivo e cansativo *com* e *entre* o francês e o grego. As próprias ferramentas da aprendizagem das línguas estrangeiras se transformaram. Considerado por alguns como o livro por excelência, que emancipa uma língua através da escrita ao mesmo tempo que reflete as civilizações e mentalidades, o dicionário de sango se desviará das funções inerentes ao seu gênero: de manual “*improvisé*” de língua e “*roman d’aventure*”, converte-se em testemunho autobiográfico: “[*le dictionnaire de sango*] a perdu insensiblement son caractère exotique. Ses mots font désormais partie de mon histoire [...] Je ne lis plus le dictionnaire comme un roman d’aventures mais plutôt comme un récit autobiographique.” (ALEXAKIS, 2002, p.310).

Ao final, retornando da República Centro-Africana, em viagem que o levaria a surpreendentes descobertas acerca de sua história familiar, Nicolaïdès coloca os dicionários das três línguas lado a lado em sua biblioteca. Tal gesto coloca,

¹¹ Confira H. Walter (1997, p.17-19), *L’aventure des mots français venus d’ailleurs*: “On peut [...] en restreignant le champ d’investigation au français de la fin du XXe siècle et au seul domaine de l’usage courant, tenter de se faire une idée globale de la masse d’emprunts aux langues étrangères par rapport au fonds lexical autochtone. [Une étude de 1991 montre] environ 4200 mots d’origine étrangère [soit] 13% du vocabulaire total de 35000 mots du Petit Dictionnaire de la langue française Larousse ou du Micro Robert Plus. [Ne figuraiient] ni les créations à partir du grec ancien (photographie, biologie), ni les emprunts tardifs du latin (sacrement, fragile...) [...] [Parmi] les “grosses dettes [de la langue française] jusqu’au milieu du XXe siècle: l’italien vient en tête”; plus récente, la “place d’honneur” revient à l’anglais. [Le palmarès des emprunts faits par la langue française depuis la deuxième moitié du XXe siècle serait le suivant:] anglais; italien; germanique ancien; dialectes gallo-romains; arabe; langues celtiques; espagnol; néerlandais; allemand; persan et sanskrit.

simbolicamente, um país africano em pé de igualdade com a Grécia e a França, esses dois pilares da cultura europeia e ocidental. *Les mots étrangers* promove, assim, um formidável e comovente encontro intercultural.

Em conclusão, a aparente simplicidade da obra de Vassilis Alexakis traz à tona uma série de complexidades da ética e da estética contemporâneas: a discussão acerca da identidade, a relação língua e criação literária, a filiação a este ou àquele sistema literário nacional, os deslocamentos por territórios geográficos, linguísticos e literários que desestabilizam, sobretudo, a noção de língua materna, de língua “nacional”, matéria prima de uma literatura “nacional”. O autor nos revela que todas as línguas estão, por natureza, dispostas à abertura. Portanto, partindo desse pressuposto, fica patente que o monolingüismo – de si próprio e do outro – não existe. Todavia, essa abertura incessante para o estrangeiro talvez não se deva apenas a um traço de personalidade, a uma sensibilidade particular, mas também, como escreveria o próprio Alexakis, apoiado na afirmação de um dos maiores escritores gregos do século XX, a uma vocação intrínseca de seu país natal:

Le poète Georges Séferis¹² note qu'un des traits fondamentaux des diverses cultures qui ont éclos en Grèce au cours des siècles réside justement dans leur aptitude à dialoguer avec le monde: "Toutes les fois que le peuple grec évita le commerce spirituel avec l'étranger, toutes les fois qu'il s'imita trop lui-même, ce fut à son détriment." (ALEXAKIS, 1989, p.47).

O sentimento de Alexakis e de Séferis, ambos descrentes da pureza da língua e da cultura helênicas, encontra ecos na convicção de Mikhail Bakhtin acerca do “[imenso] papel histórico que a palavra estrangeira desempenhou no processo de formação de todas as civilizações da história [...] [e] em todas as esferas da criação ideológica.” (BAKHTIN, 2006, p.104). Deve-se, pois, reconhecer que tal vocação para acolher o outro e travar o diálogo intercultural encontra-se no âmago de todas as línguas do mundo que ca regam palavras estrangeiras e palavras sem fronteiras, ou seja “[...] as que, originárias em uma língua, se foram insinuando em todas as demais e acabaram por se tornar de uso virtualmente universal.” (COSTA, 2006, p.15).

Nas migrações linguístico-literárias reivindica-se a liberdade certamente utópica de se criar numa língua não imposta, mas ditada pelo desejo. Nesse

¹² Primeiro escritor grego vencedor do Prêmio Nobel (1963), Séferis escrevia em grego e em francês.

sentido, não se pode deixar de pensar em Édouard Glissant, para quem “[c] réer, dans n’importe quelle langue donnée, suppose ainsi qu’on soit habitué du désir impossible de toutes les langues du monde.” (GLISSANT, 1990, p.122). A afirmação de escritor antilhano não poderia se aplicar melhor a um autor como Alexakis, que exerce uma liberdade radical ao se deslocar, não só entre duas línguas, mas entre línguas destemidas e generosamente dispostas a acolher em seu seio o – nem sempre estranho – estrangeiro.

Literary migrations: foreigners who write in French. The work of Vassilis Alexakis, a writer in dialogue with his languages

ABSTRACT: *In recent years, the growing number of writers who adopt a “foreign” language as their language of creation has increased. The works produced within that what is called “literary-linguistic migrations” contain an instigate intercultural dialogue between the mother tongue and the cultural language of adoption and that can be found in the midst of geographic and identity shifts. Some writers pore critically over this personal and singular experience that distinguishes them, in spite of the similarities, in a privileged and distinct way from the subjects involved with international contemporary migrations. That is the case of Vassilis Alexakis, the focus of this study, whose work has been outstanding since 1990 in comparison with the production of other foreign writers in the French literary scene. Writing also in Greek, the author also invite us to reflect with him about the present instability concerning the concepts involving the definition of “mother” tongue and “national” literature, when he weaves the threads of his narratives to show dilemmas, anguish, pleasure and discoveries, which are produced in the translation of one language to the other and from one culture to the other.*

KEYWORDS: *Vassilis Alexakis. Literature and interculturality. Autobiopgraphy. (I) mmigration. Mother tongue x foreign language. Self-translation. Francophonie.*

REFERÊNCIAS

ALEXAKIS, V. **L'enfant grec**. Paris: Stock, 2012.

_____. **Le premier mot**. Paris: Stock, 2010.

_____. L'imagination joue un rôle fondamental dans l'apprentissage des langues. Intervieweur: François Pradal. **Le Français dans le Monde**, Paris, n.355, p.8-9, jan./fev. 2008.

_____. **Les mots étrangers**. Paris: Stock, 2002.

_____. **La langue maternelle**. Paris: Fayard, 1995.

_____. **Paris-Athènes**. Paris: Seuil, 1989.

_____. **Sandwich**. Paris: Julliard, 1984.

_____. **Talgo**. Paris: Seuil, 1983.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Prefácio de Roman Jakobson. Apresentação de Marina Yaguello. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, S. C. da. **Palavras sem fronteiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ÉDEN a oeste. Direção: Costa-Gavras. Produção: K.G. Productions; Pathé; France 3 Cinéma. Intérpretes: Riccardo Scamarcio, Odysseas Pappasiliopoulos, Léa Wiazemsky, Tess Spentzos, Kristen Ross. [S.l.]: Medusa Film, 2009. 1 DVD (110 min), son., color.

ESTUDOS AVANÇADOS. São Paulo: USP, v.20, n.57, maio/ago. 2006. Dossiê Migrações.

FUMAROLI, M. **Quand l'Europe parlait français**. Paris: De Fallois, 2001.

GLISSANT, É. **Poétique de la relation**. Paris: Gallimard, 1990.

LEMAÎTRE, H. **Dictionnaire bordas de littérature française et francophone**. Paris: Bordas, 1985.

LEVY, H. **A room where the star-spangled banner cannot be heard**. Translated by Christopher D. Scott. New York: Columbia University Press, 2011.

MAKINE, A. **O testamento francês**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Le testament français**. Paris: Mercure de France, 1995.

MIZUBAYASHI, A. **Une langue venue d'ailleurs**. Paris: Gallimard, 2011.

NABUCO, J. **Minha formação**. Introduções de Gilberto Freyre. 10. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1981.

Ligia Fonseca Ferreira

D'UNE LANGUE à l'autre. Direction: Nurith Aviv. Interprétation: Meir Wieseltier, Agi Mishol, Haïm Uliel, Aharon Appelfeld, Haviva Pedaya. 1 DVD (55 min). 2004.

PIÉGAY-GROS, N. **Le lecteur**. Paris: GF Flammarion, 2002.

ROUAUD, J.; LE BRIS, M. et al. Pour une littérature-monde, **Le monde**, 16 mars. 2007. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html>. Acesso em: 20 jun. 2010.

RAHIMI, A. **Syngué Sabour**: pedra de paciência. Tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. **Syngué Sabour**: pierre de patience. Paris: POL, 2008.

STEINER, G. **Extraterritorial**: a literatura e a revolução da linguagem. Tradução de Júlio Castanon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, T. **Devoirs et délices**. Une vie de passeur: entretiens avec Catherine Portevin. Paris: Seuil, 2002.

URSO, G. S. **A face russa de Nabókov**: poética e tradução. 2010. 460f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

WALTER, H. **L'aventure des mots français venus d'ailleurs**. Paris: R. Laffont, 1997.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARTHES, R. **La leçon**. Paris: Seuil, 1977.

HALLORAN, M. **Vassilis Alexakis**: exorciser l'exil. Déplacements autofictionnels, linguistiques et spatiaux. 2008. 273f. Thesis (Doctor of Philosophy) – Louisiana State University, Louisiana, 2008.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

WALTER, H. **A aventura das línguas no Ocidente. Origem, história, geografia**. Tradução de Manuel Ramos. São Paulo: Mandarin, 1997.

